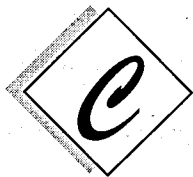


Lazer e mercado na universidade

Silvio Ricardo da Silva¹



Como sempre faço, antes de começar a escrever sobre um determinado tema, vou tentando me incorporar da problemática sobre a qual vou escrever. Trago assim essa problemática para o meu cotidiano, elaborando-a em pensamento, fazendo reflexões, perguntas, olhando para as coisas, as pessoas, para as experiências que vou passando, buscando nelas “respostas” e elementos para as minhas questões. Como uma sombra, as idéias sobre o que devo escrever me acompanham diuturnamente. Nesse caso, pegava-me, a toda hora, pensando nas idéias em torno da universidade, do lazer e do mercado de trabalho.

Foi assim que, dias antes de preparar esse paper, deparei-me com um grande out-door na cidade onde moro: nele, estava desenhado uma armadura de ferro, daquelas da Idade Média, com a pergunta: é assim que você vai enfrentar o mercado de trabalho? Pouco mais abaixo, um jovem, de terno, com largo sorriso e uma pasta 007 nas mãos: pense inteligente, pense pós-graduação... (e nome da universidade que fazia a propaganda).

Inevitável minha alegria: o início do texto já estava pronto! Digo isso porque nesse out-door continha mais do que simplesmente uma propaganda: nele estava a idéia, hegemônica, de que mercado é algo moderno, flexível, bonito, alegre e elegante. Para enfrentá-lo é necessário portanto modernizar-se, adequar-se a ele, tornar-se como ele. O mercado é muito poderoso, resta a universidade alimentá-lo, submetendo às suas exigências. Idéias “velhas”, princípios e valores, os quais levam muito tempo para incorporar-se a um indivíduo, cheiram a armadura antiga.

Não é difícil imaginar que venho aqui justamente me contrapor a essa relação mercado de trabalho - universidade.

Remontando à história da universidade, é claro que vamos ver seu surgimento com fins precípuos na produção e na disseminação de

¹ Professor do Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Viçosa; Doutorando em Educação Física pela Unicamp.
E-mail: silvio@sigmabbs.com.br

conhecimentos e também na formação de profissionais para o mercado de trabalho. Não dá para negar isso, nem tampouco quero fazê-lo.

Em trabalho anteriormente apresentado (SILVA, 1994), busquei em MORAIS (1995) a reflexão de que a universidade vem ao longo da sua história se modificando, ora para melhor, ora para pior, porém a imagem que a sociedade tem desta instituição, como lugar de qualificação intelectual e profissional, bem como de cultivo sofisticado das estruturas fundamentais de conhecimento no século XX, passando a ocupar-se das chamadas pesquisas de ponta, continua inalterado.

O que quero, entretanto, é questionar o caráter de mão única da relação universidade-mercado. No meu entendimento (e é importante lembrar o local de onde falo – que é a Universidade pública, ainda gratuita), universidade e mercado de trabalho são determinantes e determinados, um pelo outro. Quero dizer com isso que a Universidade pública – e a formação profissional que acontece nessa instituição – não podem tornar-se míopes para as necessidades que o mercado de trabalho aponta. Não pode, igualmente, submeter-se acriticamente a este mercado, “servir” a este. Lembremos, a palavra servir tem a mesma raiz de servo, de servil. Assim, nunca podemos perder de vista a via de mão dupla dessa relação, garantindo pois que a Universidade forme profissionais que atuem, sim, nesse mercado de trabalho, mas que também nele possam intervir criticamente, questionando-o, quiçá modificando-o.

E por que essa, digamos assim, “prevenção” com o mercado de trabalho? Vou explicar isso me valendo de uma pesquisa recentemente publicada no Brasil, de SENNET (1999).

Sennett investiga as conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Nessa pesquisa o autor olha para o ambiente de trabalho moderno, verificando nele, claro, alguns avanços no que diz respeito à monotonia e a insalubridade das “linhas de montagem” do início do século.

Entretanto, o autor chama a atenção para a ênfase do mercado moderno: trabalhos a curto prazo, execução de projetos e flexibilidade. Segundo SENNETT (1999), essa ênfase impede que as pessoas desenvolvam experiências ou construam uma narrativa coerente para suas vidas. E, talvez, a questão mais importante para aqueles que formam profissionais que pela sua especificidade trabalharão, ou serão responsáveis, por grande número de pessoas, comunidades, instituições, etc.. é a denúncia que SENNETT (1999) faz sobre esta nova forma de trabalho. Diz ele: “esta nova forma de trabalho impede a formação do caráter”.

Caráter depende de virtudes estáveis, tais como lealdade, confiança, comprometimento, integridade, confiança nos outros e ajuda mútua – características quase ausentes do novo ambiente de trabalho no novo capitalismo – e que gerações anteriores consideravam essenciais para a formação do caráter.

Talvez, a questão da corrosão do caráter, embora grave, não seja suficiente para olharmos o mercado como vilão e único responsável pela “falta” de caráter, mas suficiente, no meu caso, para olhar e preparar meus alunos, com toda desconfiança e cuidado para esse mercado de trabalho que considero cruel.

Poderíamos pensar: é sempre assim? O mercado não gera nada de bom? Que sentimentos que ele pode gerar nas pessoas que nele estão mergulhadas e que podem ser “coniventes” com princípios e valores, digamos, mais humanos?

Apesar de tudo isso, não acredito que tudo está perdido, seria muito linear pensar assim. Basta lembrar que existe a dialética, que como lembra o filósofo KONDER (1989), tem a mesma origem de diálogo. Assim, *“para pensar a mudança e a contradição, o sujeito precisa incorporar as verdades de diferentes momentos, a riqueza de experiências que se realizam em condições diversas”* (e basta darmos uma olhada em diferentes experiências de lazer que acontecem por esse Brasil afora para crermos nas mudanças e nas brechas que o sistema, ainda que cruel, oferece). O dialético, portanto, não pode deixar de ser um indivíduo capaz de ouvir o outro. “Ouvir” o outro, nesse caso, é auscultar o mercado com atenção, e dele, detectar as contradições e aproveitá-las.

É óbvio que esse movimento não é tranqüilo. Idéias, teorias, são construções históricas e não permanecem imunes à passagem do tempo. Envelhecem e precisam ser questionadas, sob pena de não mais responder às questões que anteriormente colocavam. Dessa forma, se queremos, que nossos princípios e valores mantenham a vitalidade necessária, precisamos conseguir (novas) estratégias para que eles possam “ganhar” o jogo. Mais uma vez, nos ensina KONDER (1992):

“Se queremos crescer, precisamos evitar a tentação de nos aferrar a modos de ser e de pensar que estão funcionando mal, precisamos fazer um esforço cansativo, difícil, incômodo, no sentido de abrir nossas cabeças para a aventura de pensar o novo.” (p.14)

Farejando brechas nesse cruel sistema, estão as recentes pesquisas de um autor, que anda muito em moda, que é o italiano DE MASI (1999). Seus estudos

apontam questões que precisam ser cuidadosamente consideradas pelos estudiosos do lazer. Dentre tantas questões importantes, vou citar uma que me parece ilustrar bem o que estamos tentando dizer. DE MASI (1999) lembra o caminho autônomo que a Europa percorreu, buscando e praticando modalidades originais para organizar o trabalho criativo desenvolvido de forma coletiva. Esforços esses que além de terem produzido maravilhas como museus, palácios, catedrais, mosteiros e academias, anteciparam formas futuras de organização pós-industrial, baseadas na criatividade. Ontem, frágeis frente ao prepotente modelo industrial. Hoje, frente a decadência da fábrica tradicional e da linha de montagem, frente ao imperativo da nova organização do tempo livre, a atividade artística e científica da velha Europa, passam a ser patrimônio precioso para novas formas de organização do trabalho.

É, então, a partir desse preâmbulo que apresento breves reflexões sobre o lazer, enfocando os três pilares da Universidade, quais sejam: ensino, pesquisa e extensão.

Inúmeros textos vêm transitando pela discussão que envolve lazer, mercado, ação profissional, formação profissional e universidade. Posso citar aqui o clássico ponto de vista de MARCELLINO (1992) intitulado "O lazer, sua especificidade e seu caráter interdisciplinar", onde nos leva a refletir sobre o especialista na área de lazer e apela para a necessidade do desenvolvimento e sistematização de experiências interdisciplinares, em detrimento das iniciativas pluri e multidisciplinares que insistem em acontecer no campo do lazer.

Já mais recentemente tivemos a oportunidade de acessar um artigo de WERNECK (1998). Segundo ela:

"Paralelo ao agravamento dos problemas sociais, o lazer vem ganhando importância cada vez maior na vida moderna. Essa importância vincula-se, sobretudo, à descoberta desse fenômeno como uma essência de um fecundo e promissor mercado, capaz de gerar lucros significativos para aqueles que detêm as regras desse jogo de poder social e político praticado em nosso contexto". (p.50)

Junto à essa constatação, a autora fez uma análise crítica sobre a formação profissional no lazer e aponta para a busca de uma formação interdisciplinar no lazer com responsabilidade e autonomia.

Já MELO, FONSECA (1997) refletiram sobre o atual estágio da Recreação/Lazer no âmbito da Educação Física brasileira e para tal, recorreram a uma análise histórica pontuando no decorrer do tempo a aproximação, especificidades e problemas dessa relação.

De acordo com os autores, o contexto e a forma com que se estabeleceram tais relações forjaram compreensões a serem questionadas. Entre elas: uma compreensão funcionalista das atividades de lazer; uma tendência de redução do lazer às atividades físicas; a desconsideração para com as especificidades e peculiaridades das atividades; uma carência de compreensão teórica aprofundada.

Quando tenho à frente uma turma de estudantes de Educação Física, me pergunto: que opção de ensino farei? Que referencial teórico me acompanhará? Qual conteúdo escolherei? Qual metodologia vou utilizar?

Quando a disciplina diz respeito a área de Lazer e Recreação sinto nos alunos uma expectativa em adquirir um conjunto de técnicas que lhes dê condição de trabalhar com essa área em qualquer situação, ou seja, nos clubes, nos hotéis, nos aniversários, nas excursões, nos hospitais, etc.

Sei que essas técnicas são importantes para sua formação, todavia, as mesmas desprovidas de uma visão ampliada de sociedade, seria o mesmo que está servindo acriticamente ao mercado. Seria quase o mesmo que não ter passado pela universidade.

Segundo MARQUES (s.d.):

“O desenvolvimento maior das capacidades, a ampliação do horizonte intelectual, as possibilidades acrescidas de análise global da sociedade, o sentimento ampliado das responsabilidades públicas e do próprio poder de decisão, a luta por reivindicações mais radicais são componentes fundamentais do perfil profissiográfico que a Universidade está chamada a traçar para seus cursos”. (p.37-38)

No que se refere a extensão universitária na área de lazer e recreação, através dos cursos de Educação Física, o que temos presenciado com a nossa experiência, é o oferecimento de ruas de lazer, colônias de férias, escolinhas esportivas, gincanas, entre outras atividades, mas infelizmente isoladas e desconectadas de um projeto integrado com o ensino e a pesquisa. Sei da importância para os estudantes dessa experiência. Eles dizem: “bom colocar a mão na massa”!

Sei que essas atividades trazem prestígio para a instituição, para o professor que as organiza, principalmente no preenchimento de seus relatórios e às vezes, ajuda até na complementação de seu salário. Só não creio que essas ações isoladas sejam função da universidade, visto que, praticadas descontextualizadamente, não estão articulando-se com a sociedade. Articular-se com a sociedade significa, segundo MARCELLINO (1998), trabalharmos no plano cultural, contribuindo para a construção de uma reforma moral e cultural, preparadora da nova ordem social a ser construída no coletivo.

É função da universidade socializar seus conhecimentos, difundi-los à comunidade, convertendo-se assim numa força capaz de transformar o acesso da sociedade à cultura.

A pesquisa no lazer é mais recente do que o ensino e a extensão no âmbito da universidade e preponderantemente acontece nas instituições públicas. Creio que a mesma teve avanços significativos. Primeiramente, conseguiu minimizar o preconceito do meio acadêmico com relação a área. Eventos científicos importantes têm acontecido regularmente tratando do lazer. Já temos publicações específicas sobre a temática, temos cursos de graduação, pós graduação e conseqüentemente, a formação de mestres e doutores, o que acaba trazendo um fôlego fundamental para a produção de conhecimentos da área.

Talvez, o que esteja faltando na pesquisa na área de lazer é uma ponte mais estreita com a sociedade. Nossas pesquisas, de uma maneira geral, não têm chegado às escolas, aos clubes, aos municípios, aos hospitais, aos acampamentos, aos hotéis, etc.

Há também, de se questionar a relação que a nossa pesquisa está tendo com o mercado. Está sendo determinada por ele? Está chegando à ele? Temos sido sensíveis às necessidade do mercado? Temos feito análise críticas sobre essa relação?

Conforme já abordei quando tratava da universidade, mercado e temas de pesquisa têm que ser determinantes e determinados um pelo outro, não devendo se estabelecer uma relação de mão única. O conhecimento produzido na universidade tem que influenciar e ser influenciado pelo mercado.

Em vista da Educação Física abranger um leque extremamente diverso de concepções sobre formação profissional, mercado de trabalho, pesquisa, entre outra coisas mais, sei da dificuldade de integramos o ensino, a pesquisa e a extensão em nossas Universidades, em nossos cursos, mas temos que continuar a busca, como uma utopia.

Conforme nos ensina Galeano, utopia é como se fosse algo no horizonte e quanto mais caminhamos, também a utopia caminha, se distancia. Perguntariam: para que serve então a utopia, se quanto mais caminhamos mais ela caminha? Justamente para isso: para caminhar.

Por ora, são essas as questões que me preocupam com relação ao tema. Sei da necessidade de aprofundar e ampliar muitas das questões aqui abordadas. Sei também que o tempo indicará outras questões necessárias. Caminhemos.

Referências Bibliográficas

DE MASI, D. (org.) *A emoção e a regra: os grupos criativos na Europa de 1850 a 1950*. E. F. Edel. 5. Ed. Rio de Janeiro : José Olympio, 1999.

KONDER, L. *O futuro da filosofia da práxis: o pensamento de Marx no séc. XXI*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. *Walter Benjamin: o marxismo da melancolia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

MARCELLINO, N. C. O Lazer, sua especificidade e seu caráter interdisciplinar. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Florianópolis, v. 12, p. 313-317, 1992.

_____. Lazer, Concepções e Significados. *Licere*. Belo Horizonte, v.1, n. 1, p.37-43, 1998.

MARQUES, M. O. Universidade e Cidadania. *Contexto e Educação*, Ijuí. s. d.

MELO, V. A., FONSECA, I. F. O professor de Educação Física e sua atuação na área do lazer: relações históricas e problemas contemporâneos. In: Encontro Nacional de Recreação e Lazer, 9, 1997, Belo Horizonte. *Coletânea...* Belo Horizonte: UFMG/EEF/CELAR, 1997. p.648-657.

MORAIS, R. *A Universidade Desafiada*. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

SENNETT, R. *A corrosão do caráter: as conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Marcus Santarrita. Rio de Janeiro: Record, 1999.

SILVA, S. R. Reflexões diante da extensão universitária na área de Educação Física, Esporte e Lazer. In: Encontro Nacional de Recreação e Lazer, 9, 1997, Belo Horizonte. *Coletânea...* Belo Horizonte: UFMG/EEF/CELAR, 1997. p.769 –773.

WERNECK, C. L. G. Lazer e Formação Profissional na Sociedade Atual: Repensando os Limites, os Horizontes e os Desafios para a Área. *Licere*. Belo Horizonte, v.1, n. 1, p. 47-65, 1998.